

MARGARET GRAY

A  
princesa feiosa  
e o  
bobo sabido

*Ilustrações*

Randy Cecil

*Tradução*

José Almino

*2ª reimpressão*

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Este livro não teria existido sem sua brilhante editora, Reka Simonsen. Gostaria de agradecer também às famílias Mittleman, Steinberg e Gray, principalmente aos meus pais, Paul e Betsy Gray; meu irmão, David Gray; e meu marido, Harry Mittleman.

Copyright do texto © 2002 by Margaret Gray  
Copyright das ilustrações © 2002 by Randy Cecil  
Publicado originalmente por Henry Holt & Company

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Título original:  
*The Ugly Princess and the Wise Fool*

Preparação:  
*Denise Pessoa*

Revisão:  
*Andressa Bezerra da Silva*  
*Carmen S. da Costa*

Atualização ortográfica:  
*Verba Editorial*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Gray, Margaret  
A princesa feiosa e o bobo sabido / Margaret Gray ; ilustrações Randy Cecil ; tradução José Almino. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

Título original: *The ugly princess and the wise fool.*  
ISBN 978-85-359-0890-9

1. Literatura infantojuvenil I. Cecil, Randy. II. Título.

06-5331

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura infantojuvenil 028.5  
2. Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

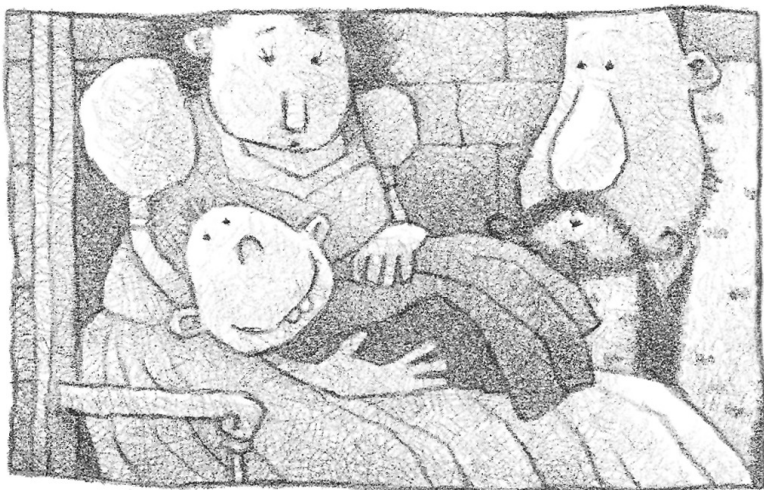
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# 1

Há muito, muito tempo, quando todos os países dos quais já se ouviu falar estavam em lugares diferentes no mapa e o mundo ainda tinha grandes florestas escuras onde as fadas gostavam de morar, nasceu uma princesa que era feia.

Ela não era nem um pouco bonita, e todo o reino ficou profundamente chocado porque, naqueles dias, quase todo mundo era bonito. Todos os escritos da época (eles são facilmente identificáveis, porque começam sempre dizendo “Era uma vez”) estão cheios de histórias de pessoas bonitas. *Branca de Neve, Rapunzel, A Bela Adormecida, Cinderela...* A lista é enorme.

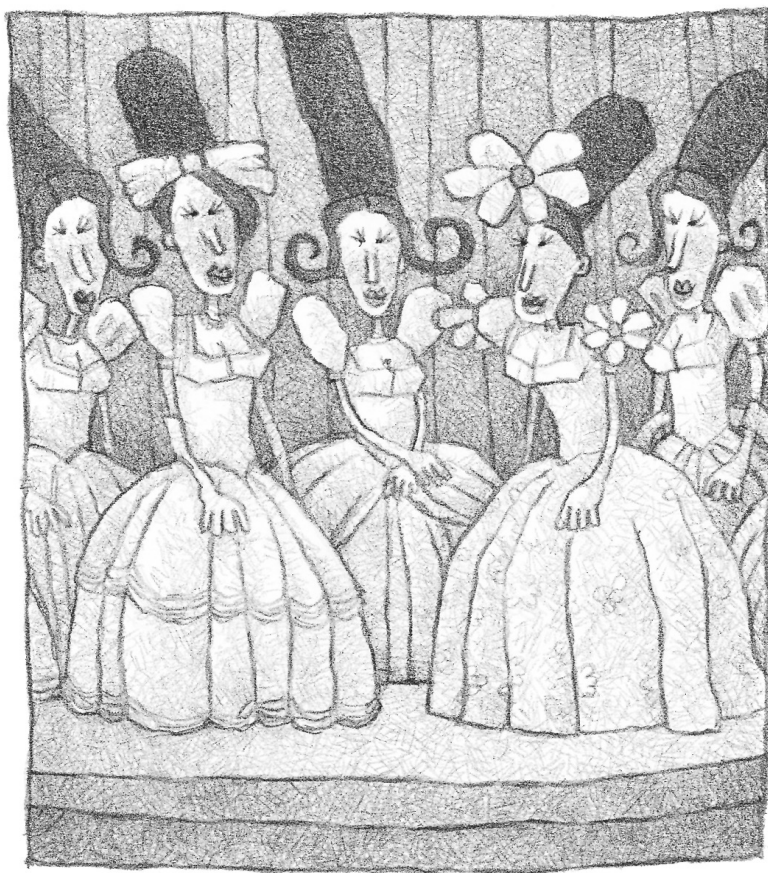
Ninguém sabe realmente como explicar isso. Al-



gumas pessoas presumem que deve ter sido um processo hereditário: princesas maravilhosas vinham se casando com príncipes nobres havia tanto tempo que os genes da beleza passaram a ser dominantes. Mas essa hipótese não explica as filhas de moleiros e alfaiates que cresciam belas mesmo vestindo trapos e vivendo em meio à fuligem. Outros sugerem que o estilo de vida era mais puro: ninguém havia inventado nem hambúrguer nem fumaça, e todos adoravam fazer ginástica ao ar livre, de modo que todo mundo era musculoso, entusiasmado e com dentes alvos e bem formados. Ou ainda: existiam tantas fadas nos arredores que os pedidos de beleza eram mais facilmente atendidos.

Em todo caso, era um mundo obcecado pela beleza.

O reino onde a princesa nasceu chamava-se Cuscuz. Era cercado por outros vinte reinos, todos competindo para ver quem tinha a princesa mais bonita. O concurso anual de beleza começara como algo informal e bem-humorado, mas a cada ano que passava, tornava-se mais importante.



As concorrentes exauriam as fadas-madrinhas com os seus pedidos, além de tentar várias artimanhas próprias. Elas colavam cílios falsos para ampliar o brilho estrelado dos seus olhos e pintavam os cabelos para que eles ficassem parecidos com sorvetes de framboesa ou tapetes persas. Toda criança que não crescesse príncipe ou princesa pretendia ser um dia jurado de concurso de beleza, porque os jurados, embora supostamente trabalhassem de graça, coletavam belas quantias em dinheiro, na forma de gorjetas ou subornos por parte dos reis e rainhas que esperavam que suas filhas vencessem.

Assim, vocês podem imaginar, na noite em que essa princesa nasceu, com que impaciência o povo de Cuscuz esperou junto às grades do palácio para ouvir o anúncio da sua extraordinária beleza.

## 2

**E** vocês podem imaginar o pânico desencadeado quando se espalhou a notícia de que a criança, que havia recebido o nome de Rosa, não era nada bonita. A reputação de Cuscuz entre os outros reinos desabou, e o entusiasmo dos seus próprios cidadãos para pagar impostos começou a diminuir. Todo mundo tinha certeza de que o rei Irwin e a rainha Júlia deviam ser culpados, mas ninguém era capaz de saber exatamente o que tinham feito de errado. Eles mesmos estavam muito desnorteados.

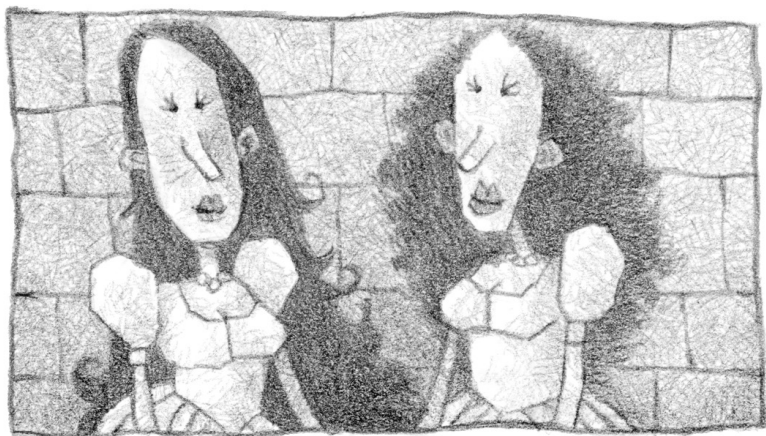
Piorava tudo o fato de Rosa ser a terceira princesa. O rei Irwin e a rainha Júlia sabiam tão bem quanto toda a gente que eles deveriam ter três filhas: a primeira tão

bonita quanto as estrelas; a segunda tão bonita quanto a Lua; e a terceira mais bonita do que as estrelas, a Lua e o Sol juntos.

As coisas tinham sempre acontecido dessa maneira. A rainha Júlia havia sido a terceira princesa, e o rei Irwin competira com mil outros príncipes pela mão dela. Ambos eram governantes tradicionais que não gostavam de agitação, e ficaram genuinamente horrorizados com o que haviam provocado.

Claro, eles sabiam que o sistema não era perfeito. Era duro para as primeiras e segundas princesas, que, nascidas somente para fazer crescer a excitação em torno do nascimento das terceiras, acabavam muitas vezes se tornando bruxas malvadas e fugiam dali nas suas vassouras. (A vida também era dura para as meias-irmãs: esperava-se que fossem ao mesmo tempo desagradáveis e fortes.) Resignados a esse destino, o rei e a rainha tinham dado às duas primeiras filhas os nomes mais horrorosos que se podia imaginar — Calcária e Minéria —, e trataram de não se afeiçoar muito a elas.

Como planejado, Calcária e Minéria cresceram tão bonitas quanto as estrelas e a Lua, respectivamente. O rei Irwin e a rainha Júlia esfregavam as mãos imaginando o quanto a terceira filha teria de ser ainda mais bonita para suplantar as outras duas. Literalmente, eles



pulavam de impaciência na expectativa de apresentá-la no concurso de beleza. Cuscuz floresceria, e os turistas acorreriam aos milhares!

Depois que Rosa nasceu, o rei Irwin e a rainha Júlia consolaram-se mutuamente durante aqueles tempos difíceis lembrando a história do patinho feio. Depois, eles relaxaram e esperaram.

Mas quando Rosa fez treze anos — naquela época, a idade máxima para que a beleza se desenvolvesse —, não havia nenhum traço de beleza na menina. Tinha um caráter maravilhoso, uma mente rápida, e todo mundo gostava dela. Ela era dentuça e magra, com sardas e cabelos cortados curtos demais para o estilo glamouroso que as princesas bonitas deviam ter. Rosa estava sempre correndo, subindo em árvores, montando

a cavalo; sabia que se tivesse de gastar muito tempo com o cabelo, como Calcária e Minéria faziam, não teria tempo nenhum para se divertir.

As pobres Calcária e Minéria tinham o cabelo tão bonito que eram proibidas de brincar para que não o estragassem e com isso perdessem sua vantagem no concurso de beleza. O cabelo de Calcária, descrito pelo poeta da corte como as “nuvens da noite de ébano”, tinha cerca de mil e seiscentos metros de comprimento. O cabelo de Minéria, conhecido como o “flamejante e selvagem pôr do sol”, não era tão longo, mas era encaracolado e embaraçava facilmente, de maneira que se gastava ainda mais tempo para arrumá-lo.

Calcária e Minéria não ligavam. Estavam tão aliviadas por Rosa não ser uma beleza — o que as obrigaria a se tornar malvadas e fugir para longe, montadas em vassouras — que permaneceram doces e dóceis. Elas tinham pouco a dizer de original, porque a cabeça pesava demais com todo aquele cabelo. Esperavam o momento de se casar, quando poderiam mudar o cabelo, para um corte mais curto e mais prático, como as rainhas locais costumavam fazer.

“Isso é ridículo”, dizia o rei Irwin, desanimado, ao olhar um dia para Rosa da janela do seu palácio. “Até o sol deveria ficar maravilhado ao brilhar na sua face!



E olhem para ela! Aqueles dentes! Aqueles joelhos magros! Aqueles...”

A rainha Júlia acalmava-o: “Mas todo mundo ama Rosinha. Ela é tão boa para as irmãs, para você e para mim também, querido. De certa forma, tudo ficou bem. Calcária e Minéria poderão fazer sozinhas o circuito dos concursos de beleza e se casar com todos os príncipes que quiserem; e Rosa poderá continuar conosco e nos confortar durante a nossa velhice”.

“Grande conforto”, disse o rei Irwin com uma voz mal-humorada, mas a ideia deixou-o animado, e ele convocou o seu bobo para vir plantar bananeira.